

no assoa ronald augusto inho duro

no assoa lho duro



Le style... c'est le diable!



no assoalho duro

me aproximo de tombar em sono suave
em bairros os cachorros latem
digo: cantam de galo no terreiro
à tarde esperam sobre esporas altaneiros
os galos a que me referi acima
ciscam em consideração às galinhas
também não sobra muito para o caderno
hão passado verão outono inverno
e muito está aqui enfeixado
e tudo mais que passou por apagado
já esse posfácio não sai fácil
feito os outros de bem outro hábito
escrever sem prévio rascunho
assim levado a reboque do próprio punho
não me é um bem como antes fora
faço papel de tolo jogral fora de hora
querendo levar a cabo missão sem solda e soldo
água em cuja superfície áporos a rodo
enquanto mais ao fundo lodo-areia
no qual não há que pise sequer de meias
e rimas oficiando o que já é um rito
acabar cuaderno escrevendo esquisito
felizmente minha fabulação manca
estou com travas na fala trancas
não há indulto possível para poeta
que não se toca ou diz não à caixa-preta
que melhor memória manuseável externa
pode haver para se ler os destroços da cena?
o pânico da audiência minutos segundos antes
o vômito no saco da crítica no chão restante
barra o sono essa conversa errorosa
melhor num outro dia dar sítio à prosa

mnemônica para José Correia Leite

aqui
jaz
jacinta
e logo
sem pestanejar
foco de Ra
vicente ferreira
que vive de suas paraulas
parávoas azinhavradas
espadamachado
faz rosnante de sentido e som
muito barulho
para que todos tenham em
mente e mesmo em
mira
antes a mulher negra que fora jacinta
(teve época cidade e ruas que iluminava)
do que a múmia
forra e
sem paradeiro
dos últimos dias

9, um fio delgado ligando-me ao mundo dias-
pórico das letras
há sempre muito entulho mas
umas vezes o acaso outras rastros recentes
levam-me a poemas de homens e
mulheres que exigem atenção

folheei o continente africano
sua culinária mental cabinda
que não cabe inteiramente nos
vocábulos da expressão lusitana
lácio daninho
pode-se entender um pouco melhor
nossos condimentos ingredientes
negros islâmicos
mangas de goa
jorge de sena um e. pound polemista
megalômano mano belicanoro
ou o que quer que isso signifique
num lusiada ulisseida da gema

e depois a súbita aparição dessa face
escoando por entre os volumes
esta figura feminina aos poucos por linhas
de poemas se delineando para o meu apetite
para a minha curiosidade de cupim de biblioteca:
irene lisboa
uma definição fescenina para a sua poesia:
é como se ela dera a concha bivalve
um pouco para o pessoa e um outro tanto
para o bandeira mas gozando o melhor de ambos
lantejoulas sobre línguas e felatio

irene lisboa
sem os antiumectantes da metalinguagem masculina
masturba-se com delicadeza e depois
cheira os dedos da mão
úmidos de investigar as origens da vida
irene boa